14:41 92%

mundo guerra israel-hamas

Israel declara Lula 'persona non grata'; Brasil convoca embaixador em Tel Aviv

Chanceler de Bibi diz que país 'não esquecerá, nem perdoará' petista após comparação com Holocausto

SÃO PAULO Em seguimento às reprimendas ao presidente Lula (PT), que comparou as ações de Israel na Faixa de Gaza ao Holocausto nazista, o Ministério das Relações Exteriores do governo de Binyamin Netanyahu declarou o líder brasileiro "persona non grata" nesta segunda (19).

"Não esqueceremos nem perdoaremos", disse o chanceler Israel Katz. Em mensagem ao embaixador do Brasil no país, seguiu: "Em meu nome e em nome dos cidadãos de Israel, diga ao presidente Lula que ele é persona non grata em Israel até que retire o que disse."

A declaração veio de forma um tanto incomum: Katz falava a vídeos de imprensa ao lado do embaixador brasileiro, Frederico Meyer. Os dois faziam uma visita ao Yad Vashem, mais importante memorial sobre o Holocausto. Ele chamou as ações de Lula de "um ataque antissemita".

"Eu trouxe você a um lugar que dá testemunho, mais do que qualquer outra coisa, do que os nazistas e Hitler fizeram aos judeus, incluindo membros da minha família", disse Katz ao diplomata brasileiro, indicado para o posto em 2023, segundo declarações compiladas pelo The Times of Israel. "A comparação entre a guerra de Israel contra o Hamas e as atrocidades de Hitler e dos nazistas é uma vergonha."

Em seguida, como antecipou a coluna Mônica Bergamo, o chanceler Mauro Vieira chamou de volta Meyer para consultas. Segundo o Itamaraty, o diplomata embarca para o Brasil nesta terça-feira (20). Trata-se de um ato diplomático que demonstra insatisfação do governo.

Vieira também convocou o embaixador israelense Daniel Zonshine para encontrá-lo ainda nesta segunda na sede do Itamaraty no Rio de Janeiro, onde o ministro está para a reunião de chanceleres do G20 na próxima quarta (21).

Segundo interlocutores, a conversa foi breve e direta. O ministro demonstrou a surpresa e o desconforto do Brasil pelo tratamento dado pelo governo de Binyamin Netanyahu a Meyer em Israel.

"Diante da gravidade das declarações desta manhã do governo de Israel, o ministro Mauro Vieira, que está no Rio de Janeiro para a reunião do G20, convocou o embaixador israelense Daniel Zonshine para que compareça hoje [segunda] ao Palácio Itamaraty, no Rio. E chamou para consultas o embaixador brasileiro em Tel Aviv, Frederico Meyer", disse o Itamaraty, em nota.

Meyer havia sido convocado na véspera pela chancelaria israelense para prestar explicações sobre as declarações do petista. O encontro antes estava previsto para ocorrer na sede da pasta.

Na prática, o termo em latim que significa "pessoa indesejada" se refere à prática de um Estado proibir um diplomata (ou, neste caso, chefe de Estado) de entrar no país em viagem oficial. Na última semana, Tel Aviv impôs essa condição à italiana Francesca Albanese, relatora especial da ONU para os territórios palestinos ocupados e uma das principais vozes contra a operação israelense em Gaza.

Durante seu giro pela África, Lula classificou a campanha militar de Tel Aviv no território palestino de genocídio e, em um adendo que abriu a mais nova crise diplomática brasileira, declarou que as mortes de civis se assemelham às ações de Adolf Hitler contra os judeus.

As advertências de Israel vieram prontamente e seguiram ao longo da noite de domingo (18) e desta segunda. Somou-se ao coro de críticas o presidente do Yad Vashem, para quem as falas do líder brasileiro são não apenas ultrajantes, mas uma prova de ignorância. Dani Dayan afirmou que "é decepcionante que Lula tenha recorrido à distorção do Holocausto e à propagação de sentimentos antissemitas".

Empresário argentino naturalizado israelense, Dayan é um nome conhecido dos governos petistas: em 2015, chegou a ser cotado por Netanyahu para ser embaixador no Brasil. Mas seu nome não era benquisto em Brasília, uma vez que liderou, por anos, a organização dos colonos israelenses na Cisjordânia.

Diversas organizações judaicas afirmaram que a fala de Lula "profana a memória dos que morreram no Holocausto". A perseguição empreendida pelo regime nazista da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial provocou a morte de 6 milhões de judeus.

Netanyahu já havia dito que Lula "cruzara uma linha vermelha" com suas declarações, e alguns deputados federais aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) usaram o tema politicamente e chegaram a aventar um pedido de impeachment do petista.

Em novo balanço, o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, afirmou que as mortes na Faixa passam de 29 mil. A agência Reuters um alto oficial da facção terrorista baseado no Qatar também forneceu um número usualmente não tornado público: disse que ao menos 6.000 membros do Hamas teriam morrido nestes mais de quatro meses de guerra. Acredita-se que a cifra de 29 mil mortos inclua esse dado além das milhares de mortes de civis.

Neste estágio da guerra, o principal ponto de tensão reside em Rafah, cidade no extremo sul de Gaza, na fronteira com o Egito. Superlotada, a cidade abriga hoje quase metade da população de Gaza, deslocada do norte e do centro em meio aos ataques aéreos constantes. Diversos países e organizações internacionais soam alertas para o risco de ainda mais mortes de civis.

Em nota, o Itamaraty disse considerar os alertas de Tel Aviv com muita preocupação. "Se levada a cabo, essa operação terá como graves consequências, além de novas vítimas civis, um novo movimento de deslocamento forçado de centenas de milhares de palestinos, como vem ocorrendo desde o início do conflito", disse a pasta.

Em Haia, palestinos citam apartheid e colonialismo

A Corte de Haia, máxima instância de justiça da ONU, realiza ao longo desta semana audiências para analisar as consequências da ocupação israelense dos territórios palestinos. Além da Faixa de Gaza, o escopo das análises inclui também a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Já nesta segunda (19), primeiro dia das audiências, o chanceler da Autoridade Nacional Palestina disse que Israel submete os palestinos a décadas de discriminação ao fazê-los escolher entre "deslocamento, subjugação ou morte". "Os palestinos suportam o colonialismo e o apartheid", disse Riyad al-Maliki. Foi rápida a reação do Ministério das Relações Exteriores de Israel, que em nota rejeitou a legitimidade das audiências desta semana, alegando que foram projetadas para "prejudicar o direito soberano de Israel de se defender".

Mohammed Abed/AFP

ISRAEL INDICA INÍCIO DO RAMADÃ COMO PRAZO PARA INVADIR RAFAH

A operação militar em larga escala de Israel em Rafah, cidade que abriga os deslocados internos da guerra na Faixa de Gaza, pode ocorrer no início do Ramadã, o mês sagrado para o islamismo que se inicia no próximo dia 10, afirmou o ex-ministro da Defesa Benny Gantz. Membro do gabinete de guerra criado com diferentes forças políticas para as decisões relativas ao atual conflito contra o Hamas, Gantz afirmou que isso ocorrerá caso os mais de cem reféns que seguem em mãos do grupo terrorista não sejam libertados nas próximas semanas. "O mundo deve saber, assim como os líderes do Hamas: se até o Ramadã nossos reféns não estiverem em casa, os combates continuarão em todo lado, incluindo em Rafah", disse no domingo (18). Por sua vez, os Estados Unidos propuseram uma versão alternativa a uma resolução do Conselho de Segurança da ONU na qual se opõem a uma invasão em larga escala em Rafah, segundo a agência de notícias Reuters. A proposta é novidade no conselho, fórum no qual Washington tem blindado Tel Aviv. Os EUA também sugerem um cessar-fogo temporário em Gaza.

Presidente não vai se desculpar, e resposta será diplomática

Marianna Holanda, Ana Pompeu e Renato Machado

BRASÍLIA A reação de Israel à fala de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em que comparou a ofensiva militar de Israel em Gaza ao Holocausto repercutiu mal entre auxiliares palacianos e diplomatas. A avaliação é de que Tel Aviv quer aumentar a dimensão da crise, e o petista não vai se desculpar.

O episódio foi tema de discussão em reunião no Palácio da Alvorada na manhã desta segunda-feira (19) com os ministros Paulo Pimenta (Secom), Alexandre Padilha (Secretaria de Relações Institucionais), Márcio Macêdo (Secretaria-Geral), Jorge Messias (Advocacia-Geral da União), e o assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, Celso Amorim.

A definição de Lula é que a resposta deve ser diplomática. "A meu ver, não há de que se desculpar. O que está ocorrendo é uma barbaridade", disse Amorim à **Folha**. "O chanceler [Mauro Vieira] anunciará as providências que decidir tomar. [...] Sempre tivemos grande estima pelo povo judeu, que nos deu Einstein, Freud e tantos outros, além de extraordinária contribuição à cultura brasileira", completou, reforçando o que a primeira-dama, Janja, disse mais cedo, que Lula se referia ao "governo genocida" ao fazer suas críticas, não ao povo judeu.

Interlocutores observam ainda que, desde o início da guerra, o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, foi chamado três vezes pelo governo brasileiro, sem alarde.

A avaliação é que a postura de Israel foi uma tentativa de escalar a crise, como forma de reação às críticas não só do governo brasileiro, mas da comunidade internacional à ofensiva contra palestinos. Também há a percepção de que Tel Aviv busca com isso tirar a credibilidade internacional do Brasil, considerando que Lula vem sendo um personagem verbalmente crítico às ações israelenses.

A presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, disse que Lula não deveria recuar. Questionada se o petista deveria se retratar para estancar a crise, Gleisi respondeu: "Eu não sei se o presidente Lula vai fazer isso; eu não faria".

"Netanyahu devia se preocupar com a rejeição que despertou no mundo e em seu próprio país, antes de tentar repreender quem denuncia sua política de extermínio do povo palestino. Ele não tem autoridade moral nem política para apontar o dedo para ninguém", afirmou à **Folha** a presidente do partido.

Para ela, a resposta de Netanyahu ao presidente Lula "confirma a truculência do chefe de um governo de extrema direita que está levando seu país ao desastre e ao repúdio da comunidade internacional e ignora que o Brasil não é mais governado por um fascista como ele".

Por sua vez, o Congresso Judaico Latino-Americano, entidade que representa as comunidades judaicas da região ante governos e órgãos políticos, emitiu comunicado em que lamenta as declarações do brasileiro. "Estou decepcionado com Lula ao comparar a situação em Gaza ao Holocausto. Essa analogia é produto do desconhecimento promove o antissemitismo e 'acaba' com a memória as vítimas do Holocausto", diz o documento, assinado pelo presidente da entidade, Jack Terpins.

A posição do governo petista é a de evitar um aprofundamento na tragédia na região. Também em entrevista coletiva na Etiópia, Lula se referiu à guerra em curso como "chacina de Gaza".

Colaborou Thiago Resende